

ALGUMAS REFLEXÕES
SOBRE O INÍCIO DA ORTOGRAFIA
DA LÍNGUA PORTUGUESA

LUIZ CARLOS CAGLIARI
IEL/UNICAMP

ABSTRACT

The beginning of the Romance Languages writing provides good data for the study of writing systems in general and orthography in particular. The study of this subject is relevant also for the research in Historical Linguistics. In this paper, the origin of Portuguese orthography is analysed with particular reference to basic parameters involved in its formation. It shows that it is misleading to say that the orthography at that time was phonetically based.

1. INTRODUÇÃO

Antes de apresentar algumas breves considerações a respeito da ortografia dos textos arcaicos portugueses,¹ é preciso fazer um breve, mas importante, comentário sobre o papel da Renascença, decretando o fim do latim e transformando as línguas vernáculas em línguas de cultura, substituindo os clássicos greco-latinos pelos novos clássicos das línguas neolatinas. Isto é importante porque, sem uma norma culta bem definida, seria difícil fixar uma ortografia. O português, que teve seu ponto alto em Camões - no século XVI passou por um longo período de grande caos ortográfico, o chamado *período arcaico* (do séc. XII ao XIV). Trezentos anos seriam suficientes para acomodar uma certa tradição ortográfica. Mas não foi o que aconteceu. Foi preciso chegar *Os Lusíadas*, no século XVI, com um modelo ortográfico simples e elegante, para dar início a um período da ortografia em que havia um modelo a ser seguido, deixando-se de lado velhos hábitos.

¹ O presente trabalho pretende apresentar, de maneira geral, alguns pontos para uma reflexão sobre a história da ortografia da Língua Portuguesa, sobre fatos decorrentes da escrita em estudos de Linguística Histórica e sobre evidências para o estudo dos sistemas de escrita, em particular, da ortografia. Este artigo, na verdade, é uma colocação preliminar de problemas para um projeto que se pretende desenvolver no futuro.

Ilvane R. J. Sartor

A escrita dos textos arcaicos tem sido objeto de muitos estudos. Em geral, vê-se essa escrita como um produto final, um texto e, mais raramente, presta-se atenção ao sistema de escrita subjacente nesses documentos. Para se entender melhor o valor de dados de Linguística Histórica, sobretudo quando se trata de estudos que envolvem os sons da língua, é preciso fazer antes um estudo sobre o sistema de escrita com o qual esses textos antigos foram grafados. Uma tendência muito comum é encarar a escrita dos textos arcaicos como se fosse o uso de um alfabeto latino com letras representando pronúncias do português daquela época.

Na verdade, os estudiosos esquecem-se, não raramente, de trazer para as considerações a ortografia e o fato de ela neutralizar a variação linguística. Esquecem-se também do fato de que, diante do desconhecido, como acontecia nos textos arcaicos (ou como acontece hoje no processo de alfabetização), as pessoas precisam fazer hipóteses sobre a escrita das palavras, baseando-se em conhecimentos que têm sobre a escrita (Cagliari, 1986). Esse modo de escrever é muito diferente daquele que tem como modelo uma ortografia estabelecida.

Atribuir ao Período Arcaico uma *Ortografia Fonética*, como se naquela época as pessoas escrevessem como falavam, e achar que os textos refletiam as variações dialetais, sem levar em conta a *ortografia arcaica* é um erro que tem levado muitos estudiosos a conclusões estranhas e até mesmo a erros. Um caso desse tipo, por exemplo, é a interpretação das escritas de finais de palavras com a ocorrência de nasais. A variação na escrita é tão grande, como mostram os exemplos abaixo, que é muito difícil decidir por uma interpretação ou por outra. É preciso colocar, nesta discussão, também o fato de as palavras não terem uma ortografia estabelecida e que os escritores precisavam conjecturar qual seria a melhor grafia, a mais neutra e mais aceitável para o leitor e para os outros escritores. Uma pessoa escrevia *ñ* para “não”; depois via escrito *nam* (como nas terminações verbais) e passava a fazer assim ou, se preferia o *til*, podia grafar apenas *nã*. Porém, se via escrito *coraçom* para o que escrevia *coraçam*, começa a escrever também *nom*. Mais forte do que revelar uma variação fonética, exemplos deste tipo mostram as hipóteses que esses escritores arcaicos tinham sobre como “criar” uma ortografia para o português.²

Exemplos: *Centegãus, escriuão, fforam, Joham, fructarũ, derũ, levarũ, furũ, coraçõ, coraçam, coraçom, nã, nom, rresponderom, pam, chamavom, fugiróm.*

Na famosa *Cantiga da Ribeirinha* de D. Sancho I, aparece a palavra *alongado*, que tem dado margem a tantos comentários. O que é raro encontrar é alguém que interprete essa palavra como derivada de “longe”, sendo, pois, “*alonjado*”. Para quem escreve *sega* para “seja”, não é difícil ler “*alonjado*” e não “*alongado*”.

² Os exemplos citados no presente trabalho são tirados do livro de José Leite de Vasconcelos, *Textos Arcaicos*. Os exemplos servem apenas para ilustrar o que se afirma, para tornar as afirmações mais claras ao leitor. O que se diz não se restringe apenas a esses exemplos e a essa obra, mas eles foram usados apenas para ilustração.

Pode ser citada também a grafia *ovelía*. Será que uma grafia como *ovelía* representava uma pronúncia peculiar, ou era apenas uma tentativa de encontrar uma forma ortográfica para a palavra e a língua?

Formas como *coraçõ, pegarom, fizeru, nam, pam, coelio, govem* (jovem) são facilmente encontradas, ainda hoje, em redações de crianças em fase inicial de alfabetização. Elas não procuram retratar uma variação dialetal apenas, mas buscam também imaginar como poderia ser a forma ortográfica das palavras. Uma comparação entre os dois tipos de desempenho: o dos escritores dos textos arcaicos e o das crianças em fase de alfabetização ajudaria muito a trazer uma medida de ponderação nos estudos fonológicos dos textos arcaicos. Erros de escrita nem sempre revelam formas dialetais de fala, afastando-se da ortografia; há várias outras razões pelas quais uma pessoa grafava uma palavra de um jeito ou de outro, sobretudo quando tem dúvidas sobre sua ortografia (Cagliari, 1989).³

2. A RENASCENÇA E UMA NOVA NORMA CULTA

Na Idade Média, o grego e o latim foram perdendo o prestígio gradualmente e, juntamente com eles, a cultura que representavam, cedendo lugar a novas culturas oriundas das misturas com os povos “bárbaros”. O renascimento tornou-se uma volta à cultura greco-latina, sobretudo aos clássicos. Com isto, os estudos das línguas latina e grega foram revitalizados.

O povo, porém, tinha deixado o latim de lado aos poucos, substituindo-o pelas línguas neolatinas que, a partir do século X, já eram tão diferentes do latim que se constituíam em verdadeiras línguas independentes. A partir de então, começam a aparecer os primeiros registros escritos dessas línguas vernáculas. A parte deste material que chegou até nós era constituída, basicamente, de documentos cartoriais e de pequenos poemas.

Com o movimento renascentista, os eruditos se inspiraram nos modelos greco-romanos, mas, como não viviam mais num mundo onde as línguas grega e latina tinham vida, acabaram optando por escrever suas obras nas línguas vernáculas. Este fato decretou a morte do latim na Europa como língua nativa e deu, às línguas vernáculas, o ‘status’ de língua culta. Obras literárias como *A Divina Comédia, El Cid, Os Lusíadas, Dom Quixote*, etc. tornaram-se os novos clássicos, dando às línguas vernáculas um lugar de grande destaque e mostrando que o latim não era mais necessário como língua da cultura, naquele momento histórico. Mais do que um renascimento, a Renascença trouxe a confirmação das línguas vernáculas como línguas de prestígio, com uma norma culta digna de competir com o latim e o grego clássicos na sociedade daquela época.

³ Seria interessante fazer um estudo bem abrangente e detalhado das relações entre escrita e fala, letra e som, ortografia e transcrição fonética, comparando formas comuns de escrita que aparecem nos textos arcaicos e nas escritas das crianças, hoje, em fase de aquisição da escrita. Algumas coincidências parecem ser reveladoras de fatos importantes e de intenções de escrita ou hipóteses sobre formas ortográficas, redefinindo os valores fonéticos das letras e, portanto, as relações entre letras e sons, fala e escrita.

Uma vez que o povo já falava uma língua nova e que já tinha prestígio literário e contava com um dialeto de prestígio, conquistado através de grandes obras literárias, era preciso estabelecer também um padrão de escrita (uma ortografia) que revelasse a importância dessas línguas vernáculas na História.

3. AS PRIMEIRAS ESCRITAS DO PORTUGUÊS

A língua latina não só se transformou na língua portuguesa (entre outras), como serviu de modelo para as primeiras manifestações de escrita desta língua. Nota-se, nos documentos mais antigos, que o escrevente tinha dificuldades com o latim, quando saía do jargão jurídico e usava seus conhecimentos de escrita latina para escrever nomes e termos em português. O alfabeto latino era usado como uma espécie de alfabeto fonético, porém com fortes restrições oriundas da ortografia das palavras latinas já tradicionalmente estabelecidas. Ou seja, não se fazia apenas um uso das letras pelos sons, mas também pela ortografia. Aliás, fora do trabalho especialista dos foneticistas, é a ortografia que diz quais são os valores sonoros que as letras têm. Além disto, há de se considerar um certo esforço para adaptar as letras do latim a pronúncias típicas da língua vernácula. É neste sentido que uma grafia como *rriuolo* com dois RR nos mostra que, pelo menos neste contexto de início de palavras, a letra R tinha um som diferente, razão pela qual o escrevente usou RR. Além destes fatores, certamente, havia a influência inevitável de outras línguas neolatinas que também estavam tentando encontrar uma ortografia confiável para si. Um nome como *Suariz, Diaz, Sanchiz* apresentam um Z final que não tem sua origem no latim. É curioso observar, ainda, a presença do I final em “Suariz” e “Sanchiz”, mostrando um pronúncia comum até hoje, embora a ortografia tenha fixado historicamente o uso de E, nestes casos. Algumas regrinhas começaram cedo a aparecer, como o uso de Y para escrever ditongos, como em *offeyro, moensteyro, ey, eygleyga*, etc. Algumas tentativas de escrita são surpreendentes, como a escrita *co'no* em vez de “cõ o” (ou “com o”), na frase *e offeyro co'no meu corpo todo o herdamento*. Certamente, o escrevente percebeu a presença de uma consoante nasal velar fazendo a “liaison” e re-estruturando as sílabas, o que o forçou a escrever daquela forma, representando uma pronúncia [kõŋo]. O uso do apóstrofe, neste caso, mostra a separação de sílabas.

À medida que a língua portuguesa vai sendo mais e mais escrita, sobretudo de forma oficial, começou a aparecer menos a forma latina e mais uma adaptação desta à escrita da nova língua. Num caso como *Cunucuda cousa sega a tudos aquiles que este fectu uir̃e ouuire... comparej a Gonet Sanchit u casal...* nota-se o uso do C diante de O e de U com o valor fonético de [k] e de [s] na palavra “conucuda” e o uso de G com o valor fonético de um J moderno. Além disto, observa-se as grafias *tudos, aquiles* em que a presença do U e do I, em contraste com o O e E na sílaba final, revela ou uma pronúncia

diferente naquela época ou um caso de hipercorreção ortográfica⁴ (por exemplo, uma pronúncia de I escrita com E leva a uma escrita com I de uma fala com E, etc.). Na palavra *comparej*, temos uma forma antiga do verbo “comprar”⁵. O uso do N mostra um desvio das formas ortográficas latinas, aliás, como o til em *uir̃-* o que poderia ser uma abreviatura de um M, e a estranha forma sem til e sem nasal de *ouuire*.

É curioso e interessante notar que as crianças em fase de alfabetização costumam cometer erros na grafia de palavras, produzindo formas de escrita semelhantes às desses primeiros escreventes do Português. Na verdade, quer os antigos, quer as crianças, ao escrever, encontraram-se diante do desconhecido, não sabendo qual seria a forma ortográfica das palavras. Neste caso, as pessoas costumam se voltar para um princípio maior, que é considerar a escrita alfabética um sistema fonográfico. Então, cada letra passa a representar um som *em princípio*. Um outro fator que intervém, nestes casos, é o princípio acrofônico, ou seja, o fato de as letras terem nomes cujo primeiro som representa o elemento fonético associado à letra. É por isto que o escrevente antigo usou o C para o som de [s], mesmo diante de U, e a letra G para o som de J, em exemplos mostrados acima.

4. COMEÇA A SURGIR UM SISTEMA ORTOGRÁFICO

Com o aumento na produção de textos escritos em português, mais pessoas iam vendo o que as demais escreviam e, dessa forma, ia se consolidando uma tradição de escrita que, aos poucos, formou um sistema ortográfico para a língua. Apresentam-se, a seguir, apenas alguns fatos que revelam o surgimento desse sistema ortográfico:⁶

- o uso de vogais duplas para indicar a qualidade vocálica de certos segmentos em certos contextos, como em: *avóo, Figeerecdo, ne'úú* (nenhum). (Essa prática ficaria mais comum no século XV, com a sugestão de João de Barros).

- o uso do til (antigo símbolo de abreviação), usado agora para indicar a nasalidade de vogais sem a necessidade de indicar uma consoante nasal imediatamente após, como em: *Dũ Gõcauo, Laureco Fernãdiz e Martĩ Gõcaluiz, derũ, ãle, nũqua, fecerũ, quebrãtado*. De Camões em diante, o uso do til deixou de ser desta forma, e a grafia voltou-se mais para a forma latina de colocar uma nasal para indicar a nasalização da vogal anterior.

⁴ Por exemplo, uma pronúncia de I escrita com E, como em *disse*, leva a uma escrita com E quando deveria haver uma escrita com I referindo-se a uma fala com I, como em *médico* escrito com hipercorreção na forma *medeco* (Cagliari, 1986, 1989).

⁵ Cf. o italiano *comprare* e *comperare*.

⁶ Para o leitor interessado, recomendam-se as obras de Rosa Virgínia Mattos e Silva, sobre *Estruturas Trecentistas e O Português Arcaico - Fonologia*. Nestas obras, há inúmeras referências a outras obras de grande interesse para o estudo dos assuntos tratados no presente trabalho.

- a aversão ao uso de consoantes duplas. Algumas formas que aparecem revelam, não raramente, um desconhecimento do latim ou uma influência de outras línguas, sobretudo do espanhol e do francês. (cf. *abbatesa*). Obviamente, SS e RR fazem exceção. Com relação ao RR, há até ocorrências em início de palavras, como em *rroubar*, *rresponderom*.

- o uso do J para indicar a fricativa, como em *monja, jā (auia o que deseiaua)*, embora continue, por certo tempo, o uso dessa letra seguindo I ou U para facilitar a leitura nos manuscritos, como se pode ver no mesmo texto em que apareceu *monja: tijnja, qujsea, enujoulhos*. Confira ainda: *deseiaua* (desejava).

- não era comum o uso de formas ortográficas que acrescentassem letras “sobrando”, mas há exemplos como: *thirar, hãa, ha* (a).

- o uso do LH em vez da forma espanhola LL, para indicar a lateral palatal: *olhos, mandoulhe*. Formas com LL representam apenas a lateral alveolar, como em: *castello, ella*.

- As formas de escrita com NH para a nasal palatal ocorrem desde o começo: *Senhor, Rainha, farjnha, vezinho*. A escrita do tipo *vñho* (vinho) representa uma forma bem antiga de escrita. Já uma forma como *vñ* (vinho) é mais rara, mas, em compensação, aparece por um período longo. Também se achavam, às vezes, formas espanholadas como: *vyziño*. Curiosas são as formas *nhãa, njhũ* (nenhuma, nenhum).

- o uso do CH também vem desde o começo: *Sancho, chegou, chamavom*. Por causa do uso do X, há uma hipótese (com muita discussão) segundo a qual o CH era uma africada palatoalveolar surda.

- os pronomes oblíquos em posição proclítica não se juntavam aos verbos, mas, em posição enclítica, eram escritos sem separação dos verbos como em: *o senhor da terra a vyo e qujsea auer per amores; mandouha; quando os vyo, temeos muytò, e perguntouhos por que a amaua; e ella os vez logo thirar, e enujoulhos e mandoulhe dizer*.

- o uso do Ç para [s], em certas palavras, como em *naçiam, çidade, doçes, çugidade, çerto, çeo*.

- a aversão, cada vez mais comum, ao uso de abreviaturas. As abreviaturas predominavam em formas estereotipadas de documentos, como em *In Xi nñe* (In Christi Nomine), *sclã scl'orum am* (saecula saeculorum amem) *ms Stb'r* (Mense Septembri), ou em nomes próprios, como em: *Mdus* (Menendus ou Meendus).

- o uso mais simplificado da escrita, procurando uma correspondência de letras e sons a partir de um valor fonético atribuído às letras do alfabeto. Esta regra vai se mostrando importante, mas não encontra concordância entre os escritores, o que acabará obrigando os gramáticos, a partir do século XVI, a propor regras ortográficas para a língua.

5. A LIBERDADE E O CAOS NA ESCRITA

Um escritor como Fernão Lopes (século XV) já mostra como o uso alfabético da escrita, relacionando letras e sons, sem uma preocupação com a forma fixa de escrever

palavras (ortografia propriamente dita), levava as pessoas a terem liberdade demais para escrever, tornando a escrita da língua um problema. A variação individual logo levou a um caos generalizado no final do século XV. E um bom exemplo é a *Cronica de D. João I*:

“Como El-Rey ffoi çerçar Campo Mayor:

Partyo El-Rey de Monçom, e veo-se a Lixboa, e leixou hij a Rainha, por hir çerçar Campo Mayor, hũu bõo logar de sseu Reyno antre Tejo e Odiana, que tijnja vooz d’ElRey de Cateela: e estaua em elle por alcaide Gil Vasquez de Barbudo, primo do meestre Dom Martinhannes” (*Vasconcelos, 1922:79*).

Esta grande variação ortográfica, neste período, tem servido para se levantar algumas hipóteses sobre questões de variação linguística e para corroborar algumas análises fonológicas de linguística histórica. Exemplos como: *enxemplo - emxemplo, crelligo, lilio* ou ainda *molher, joyz, logares, edeficar, vyziño e vezinho*, etc. mostrariam variações dialetais retratadas na escrita. Na verdade, esta é uma interpretação perigosa: se estas formas retratam variantes dialetais, a partir da escrita, outras formas *estranhas* deveriam também ser consideradas e aceitas como revelando também *formas dialetais antigas*, como a diferença entre *doce e doçe, rryo e ryo, villa e vila, aquillo, aquiles e aquello, vaca e vaqua, oméés e homees*, ou as mais de vinte formas diferentes de escrever a palavra “igreja”, conforme mostra o dicionário de Machado. Certamente, nesta história, há indícios importantes para os estudos sobre a fala daquela época. Mas há também muitas armadilhas armadas pela própria natureza da escrita e sobretudo da idéia de ortografia que, desde o início, era um ideal a ser seguido, consciente ou inconscientemente, pelos escritores.

6. UMA ORTOGRAFIA FONÉTICA?

O fato de se ter classificado a ortografia dos textos mais antigos de português como sendo *fonética* tem que ser aceita com muitas restrições. Nenhuma escrita de uso comum numa sociedade pode ser fonética, porque a variação linguística tenderia a torná-la insuportável. Uma ortografia ideal é uma exigência fundamental dos sistemas de escrita.

→ A ortografia tem justamente o papel de neutralizar as variações linguísticas. É verdade que o português dos textos arcaicos tinha uma ortografia baseada no sistema de escrita do latim (Leão, 1576, 1606); Mas também é verdade, como se disse antes, que, diante do novo, havia uma liberdade bastante grande de procurar, na fala, os segmentos e, no alfabeto, as letras correspondentes, sem uma preocupação maior com uma grafia que pudesse se estabelecer de maneira universal e única para toda a sociedade. Esta liberdade, no entanto, não fazia da grafia uma transcrição fonética, embora, em alguns casos, esta fosse a intenção de quem escrevia.

Quando não se sabe qual seja a grafia de uma palavra, o escritor tem que fazer hipóteses sobre qual seria a melhor forma de escrever. Essa situação foi típica dos antigos, como é típica, até hoje, das crianças que fazem textos na alfabetização, conhecendo apenas

o alfabeto, o nome das letras, alguma das relações entre letras e sons e uma ou outra palavra em sua forma ortográfica. Essas crianças, hoje, apresentam a grafia de muitas palavras de maneira semelhante à dos antigos. Por exemplo, escrevem: *mêdeco*, *rrato*, *çerqua*, *vaqua*, *vezinha*, *cãta*, *cos olios* (com os olhos), *pam* (pão), *gemtes*, *logar*, *prigiça* (preguiça), *sega*, (seja), além de outras formas, agora, já mais típicas das crianças e não dos antigos, como escritas do tipo: *LC* (hélice), *HRA* (agora), *IDHO*, *IGO* (índio); etc.

7. CONCLUSÃO

A partir do século XII, a ortografia da Língua Portuguesa teria ainda um longo caminho pela frente. Os gramáticos, os reformadores ortográficos,⁷ os dicionaristas e sobretudo os escritores contribuiriam para fazer com que a ortografia do português fosse mudando sem parar, chegando ao início deste século em meio ao maior caos - aliás, como esteve desde os documentos mais antigos. A aparente estabilidade num dado período não passava de um modismo e logo era substituída por grandes inovações logo mais adiante.⁸

Uma volta aos textos arcaicos com os olhos da Linguística Moderna não é suficiente para se ter *novas descrições* da fonologia da época antiga e da história da língua. É preciso, além deste instrumental, ter *conhecimentos mais exatos da natureza, função e uso dos sistemas de escrita, sobretudo da ortografia*. Por outro lado, mostrou-se de passagem como, *ão se escrever um língua pela primeira vez, as pessoas procuram criar uma ortografia, mais do que fazer apenas um uso fonético do alfabeto*.

A influência de um escritor em outro cria um modismo que pode ou não virar tradição, estabelecendo uma ortografia duradoura. Por outro lado, os "erros" de grafia das pessoas que se encontram na situação dos escritores dos textos arcaicos e na das crianças em processo de aquisição da escrita revelam hipóteses não só de cunho fonético (variação dialetal), mas também e sobretudo hipóteses baseadas num ideal ortográfico que tem, justamente, como função precípua, a neutralização da variação linguística.

Isto tudo significa, em última análise, que é muito mais difícil fazer Linguística Histórica com base em textos escritos do que alguém poderia imaginar, antes de enfrentar, de fato e de frente, esse tipo de trabalho.

⁷ Alguns dos autores mais importantes para o início são: *Fernão de Oliveira - Grammatica da lingoagem portuguesa (1536)*; *João de Barros - Grammatica da língua portuguesa (1540)*; *Pedro de Magalhães de Gândavo - Dialogo em defensão da lingua portuguesa (1574)*; *Duarte Nunes de Leão - Orthographia da lingoa portuguesa - (1576) e Origem da lingua portuguesa (1606)*.

⁸ Apesar dos projetos e das leis serem do início do século, a *reforma ortográfica* só entrou em uso geral após a Segunda Guerra Mundial. Livros publicados na primeira metade do século traziam ainda grafias diferentes, dependendo do gosto do escritor ou do editor.

O que aconteceu no início deste século, mais do que uma reforma ortográfica, foi o estabelecimento (compulsório através de leis) de uma ortografia. Mas, mesmo assim, ficaram divergências que hoje diferenciam a escrita de Portugal da do Brasil. Mais do que procurar unificar eliminando-se as diferenças, resta, hoje, reformular as leis vigentes, no sentido de se aceitar *todas as diferenças* como formas ortográficas válidas para todos os países (Cagliari, 1992).

BIBLIOGRAFIA

- CAGLIARI, Luiz Carlos (1986) "A Ortografia na Escola e na Vida", in *Isto se Aprende com o Ciclo Básico - Projeto Ipê*, Curso II, CENP-SE, São Paulo, pág. 97-103.
- CAGLIARI, Luiz Carlos (1989) *Alfabetização e Linguística*, Editora Scipione, São Paulo.
- CAGLIARI, Luiz Carlos (1992) "O Acordo de Unificação Ortográfica" in *XXI Anais de Seminários do GEL - Estudos Linguísticos*, Fundação Educacional Dr. Raul Bauab, Jahu, Vol. I, pág. 518-525.
- LEÃO, Duarte Nunes (1576) *Ortografia - (1606) Origem da Língua Portuguesa*, editado por Maria Leonor Carvalhão Buescu, IN-CM, Lisboa (1983).
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1989) *Estruturas Trecentistas - elementos para uma gramática do português arcaico*, Lisboa: IN-CM.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1991) *O Português Arcaico - Fonologia*, Editora Contexto, São Paulo.
- VASCONCELOS, José Leite de (1922) *Textos Arcaicos*, Livraria Clássica Editora A.M.Teixeira & Cia L.da, Lisboa (3 ed.).